

Ensaio

O pensamento anarquista de Rudolf Rucker: a cultura do iluminismo e a noção de poder

Lucas Gabriel Saconato Maldonado*

Resumo

Este trabalho apresenta o pensamento filosófico de Rudolf Rucker e responsável pela obra *Nacionalismo e Cultura*. O problema de pesquisa tem como ponto central o conceito de cultura. Rucker parte da noção nietzscheana de que a cultura define o homem, isto é, é a instituição fundante do ser humano e este é inseparável dela. Entretanto, diferentemente de Nietzsche, Rucker não se baseou em cultura superior e inferior, mas na ideia de que a cultura antiga foi marcada principalmente pela liberdade e diversidade dentro das várias concepções e estilos de vida presentes no mundo grego. Já a cultura moderna é a cultura do Iluminismo: Assim, vai definir a partir da dicotomia liberdade/autoridade a sua noção de poder, perpassando diversos autores e momentos da história da filosofia. Como hipótese para este ensaio, Rucker distingue a partir da ideia da cultura o papel da liberdade e da autoridade.

Palavras-chave: Rucker. Cultura. Nacionalismo. Liberdade. Poder.

The anarchist thought by Rudolf Rucker: the illustration culture and the power notion

Abstract

This work presents the philosophical thought of Rudolf Rucker, author of the work *Nationalism and Culture*. The research problem centers on the concept of culture. Rucker starts from the Nietzschean notion that culture defines man, that is, it is the founding institution of the human being and is inseparable from it. However, unlike Nietzsche, Rucker did not base himself on superior and inferior cultures, but on the idea that ancient culture was mainly marked by freedom and diversity within the various conceptions and lifestyles present in the Greek world. Modern culture, on the other hand, is the culture of the Enlightenment: Thus, it defines its notion of power based on the dichotomy of freedom/authority, permeating various authors and moments in the history of philosophy. As a hypothesis for this essay, Rucker distinguishes, based on the idea of culture, the role of freedom and authority.

Keywords: Rucker. Culture. Nationalism. Freedom. Power.

* Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.

E-mail: saconatol@gmail.com

O pensamento de Rudolf Rocker foi influenciado pela filosofia de Friedrich Nietzsche, pois percebeu a cultura como base fundamental do pensamento do filósofo alemão. Diante deste fato, busca-se designar o papel da cultura em Rocker como aquela que é inseparável do indivíduo, isto é, aquela que determina sua linguagem, hábitos e costumes e a sua formação em geral. A interpretação deste trabalho se baseia na perspectiva de alguns autores, como Noam Chomsky (2015), Brian Morris (2015), Felipe Correa (2015). Este ensaio se propõe a analisar o problema da cultura e discutir o papel desempenhado pelo Estado e religião na dicotomia liberdade e autoridade em que Rocker busca traçar sua concepção de poder diante do avanço do nacionalismo e dos fascismos do século XX.

1. Rudolf Rocker inicia sua análise filosófica a partir do conceito de cultura e inserindo-se na separação entre cultura antiga e cultura moderna. Aqui, a cultura antiga é aquela da liberdade, baseando-se na visão a respeito da cultura grega, como uma cultura livre, fragmentada e que não havia intervenções do Estado ou da religião. A principal referência de cultura antiga é a cultura grega, mas também as sociedades e a cultura medieval que floresceram no renascimento¹ devido principalmente às suas formas descentralizadas, em que a ausência dos Estados Modernos permitiu a não interferência na vida dos indivíduos.

1. Rocker será crítico a respeito do renascimento não como um movimento artístico e científico, mas por de certo modo reforçar a interferência do Estado e ter disseminado a existência do capitalismo.

Diante disso, busca-se visualizar como a visão de cultura de Rocker foi vista por outros autores e estudiosos. Segundo Morris, Rocker conceitua a cultura como:

uma força criativa, surgindo espontaneamente de atividades sociais cooperativas. Não foi algo restrito a um contexto étnico ou nacional específico. Rocker comparou a cultura a uma figueira tropical que espalhava continuamente seus galhos, criando raízes à medida que tocavam a terra. A cultura expressou a “vida espiritual” dos humanos como espécie -ser- conforme manifestada na ciência, na filosofia, na literatura e nas artes, e nas aspirações humanas por igualdade e liberdade (Tradução nossa) (Morris, 2015, p.159).

Já a cultura moderna é aquela que a partir do surgimento do Estado Moderno tornou-se autoritária e violenta, e em que a liberdade é suprimida. Apesar disso, Rocker a elogia e a coloca como a cultura do Iluminismo e da ciência. Com o desenvolvimento científico, estudos e pesquisas em diversas áreas, foi permitido o avanço da ciência.

2. Rocker busca traçar a partir da noção de cultura uma definição de poder inspirada na filosofia de Nietzsche. Percebe-se que utilizou a noção de cultura conceituada pelo filósofo alemão, que opera na lógica de cultura como organismo vivo definidor dos tipos humanos (Maldonado, 2022). Há para Nietzsche a cultura antiga e moderna, que não são necessariamente uma melhor ou pior que a outra, mas que ocupam um lugar no tempo, sendo a cultura antiga marcada pela diversidade e a cultura moderna marcada pelo Iluminismo e pelo avanço da ciência.

Nietzsche, a partir dessa base cultural em que há distinções entre culturas, insere o conceito de que há agrupamentos ou blocos de indivíduos, o que o autor caracteriza como tipos humanos (Maldonado, 2022). O autor emprega esta distinção utilizando a noção de gênio que terá como um dos seus tipos o espírito livre e os tipos médios ou cativos.

Rocker não concorda nesse aspecto e por isso utiliza uma noção de povo mais geral. Enquanto Nietzsche designa o gênio como um bloco de indivíduos que foi possibilitado pela cultura diante do trabalho dos tipos médios de forma a naturalizar a desigualdade, Rocker utiliza a noção de povo para justamente criticar esta noção e ir além do filósofo alemão. Povo seria um ente vivo cuja situação de opressão é concretizada diante da ação do Estado e do capitalismo. Rocker acredita na autodeterminação de todos os indivíduos e mesmo na autorrealização do povo:

Um povo é o resultado natural de alianças sociais, uma confluência de seres humanos que surge de uma certa equivalência de condições de vida externas, de uma língua compartilhada e de predisposições especiais devido aos ambientes climáticos e geográficos em que se desenvolve. Dessa forma, emergem certos traços comuns que estão presentes em cada membro do grupo étnico e constituem um elemento importante de sua existência social. Esse parentesco interno não pode ser criado artificialmente, nem destruído arbitrariamente, a menos que seja aniquilado violentamente e todos os membros de um grupo étnico sejam eliminados da face da Terra. etnia. Mas uma nação nunca é nada mais do que a consequência artificial de aspirações políticas de dominação, assim como o nacionalismo nunca foi nada além da religião política do Estado moderno. Pertencer a uma nação nunca é determinado por causas naturais profundas, como pertencer a um povo; isso sempre depende de considerações de natureza política e razões de Estado, por trás das quais se escondem sempre os interesses particulares das minorias privilegiadas no Estado. Um pequeno grupo de diplomatas, que nada mais são do que emissários comerciais das castas e classes privilegiadas na organização estatal, muitas vezes decide arbitrariamente a nação à qual certos grupos de homens pertencem, que devem se submeter aos seus mandatos porque não podem fazer outra coisa, especialmente quando sua própria opinião sequer foi solicitada (Rocker, 1954, p. 235-236).

Rocker visualiza em Nietzsche um autor contraditório por possuir ideias autoritárias e também libertárias:

Nietzsche também captou essa verdade em seus pensamentos mais profundos, embora sua turbulência interior, sua oscilação perpétua entre concepções autoritárias ultrapassadas e ideias verdadeiramente libertárias, o impediu ao longo de sua vida de tirar as conclusões naturais disso. No entanto, o que ele escreveu sobre o declínio da cultura na Alemanha é da mais expressiva importância e encontra sua confirmação na ruína de todas as formas de cultura. (Tradução nossa) (Rocker, 1954, p. 92).

Rocker discute na parte final da sua obra o que entende como gênio. Em sua visão, o gênio possui uma autodeterminação baseada na coletividade:

Grandes e brilhantes ideias nos campos da ciência e do pensamento filosófico, novas formas de organização artística, nunca surgem de um povo inteiro ou de uma nação inteira, mas sempre da força criativa de mentes iluminadas, em quem o gênio se manifesta. Como o gênio aparece, ninguém examinou completamente até agora. Todo povo é capaz de produzir um gênio, mas é desconhecido para todos como um povo ou uma nação contribuiu para criá-lo. Nem existe, nem jamais existirá, um povo, nação ou raça de gênios, para os quais os esforços dos fatalistas raciais modernos sejam tão vã e insensatamente direcionados. No entanto, o gênio não deve tudo à sua própria força; por maior que seja, nunca fica fora do espaço e do tempo e está ligado, como todos os outros mortais, ao passado e ao presente. E esta, de fato, é a característica do gênio: ele dá expressão oral e forma àquilo que jazia adormecido em muitos e resume os resultados parciais do desenvolvimento espiritual de um determinado período. O gênio é um espírito universal que, com tudo o que o precedeu, molda uma nova imagem da vida do universo, abrindo assim novas perspectivas de vida para a humanidade (Tradução nossa) (Rocker, 1954, p. 542).

3. A perspectiva de Rocker a partir do conceito de cultura faz com que o autor visualize em alguns filósofos colaborações ou discordâncias com sua teoria. Não vamos nos debruçar em um olhar global, mas é importante para este trabalho como sua visão a respeito de alguns filósofos colaboram para sua teoria. Ao contrapor cultura e Estado, Rocker situa que Platão foi um dos defensores do Estado e se colocou contra a inclusão dos bárbaros na cultura grega. Já Aristóteles designa um inatismo para agrupamentos humanos, em que alguns teriam disposições para certos trabalhos e participações, como as mulheres e escravos, excluídos da cidadania grega.

Rocker será crítico também do Estado Romano, como um exemplo de Estado centralizador, que atuou através dos seus líderes para reduzir o caráter orgânico e social da vida em comunidade.

Em Maquiavel, Rocker nota que o filósofo acabou permitindo que o poder de alguns príncipes se convertesse em poder político e fortalecimento do Estado.

Na modernidade, Rocker tecerá críticas a vários filósofos, como Thomas Hobbes e aos filósofos contratualistas, observando em suas filosofias a centralidade do Estado em detrimento da cultura e da liberdade:

Hobbes opôs-se veementemente à noção de que o homem é, por natureza, um ser social. Segundo sua convicção, não havia nenhum traço de instinto social no homem primitivo, mas simplesmente o instinto brutal do animal predador, para quem toda consideração pelo bem alheio era estranha. A própria distinção entre o bem e o mal era completamente desconhecida para o homem no estado de natureza. Esse conceito foi inculcado nele unicamente pelo Estado, que, portanto, é o fundador de toda cultura. De acordo com sua essência original, o homem não era capaz de sentimento social, mas sim de medo, o único poder que exercia alguma influência sobre sua razão. Pois foi do medo que surgiu o fundamento do Estado, que pôs fim à guerra de todos contra todos e acorrentou a besta humana com as correntes da lei. Embora Hobbes também derive o Estado de um pacto, ele sustenta, contudo, que ao primeiro soberano foi concedido poder ilimitado para governar sobre todos os outros. Uma vez acordado, o pacto é legalmente válido para sempre: rebelar-se contra ele é o pior dos crimes, pois qualquer tentativa nessa direção põe em questão a existência de toda cultura, e até mesmo a própria sociedade. (Tradução nossa) (Rocker, 1954, p. 156).

Immanuel Kant é citado como exemplo de autor que reconheceu o despotismo de Frederico II, além de ter defendido a escravidão. Rocker foi crítico da obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel e do seu sistema filosófico, cujo olhar se revela nos momentos da especulação hegeliana tese, antítese e síntese, próximo da interpretação marxista. Crítico também da noção de progresso, conceituado por Rocker a partir do que chama de uma evolução necessária, assim como a noção de espírito absoluto, culminância absoluta da filosofia hegeliana na famosa frase de Hegel: “O que é racional é real e o que é real é racional”. Rocker acaba por ser bem mais sucedido na crítica ao sistema hegeliano na noção de Estado, que seria o momento derradeiro na Filosofia do Direito, contrapondo ao autor alemão como o predomínio da autoridade, enquanto Hegel concebe o Estado como uma ideia de Estado a partir da autorrealização da razão (Rocker, 1954).

4. Rocker busca a partir dessa visão de cultura avançar na concepção de poder, que deve levar em conta a estrutura da sociedade, em que a efetivação de uma relação de dominação se dá entre o Estado e o sistema capitalista e o povo. Há uma força entre aqueles que nos dominam, ou seja, que garantem através do uso da força suas posições e estruturas sociais (Rocker, 1954). Uma cultura baseada na autoridade é aquela em que as vontades dos indivíduos e do povo em geral são suspensas e reprimidas, sendo tomadas pela esfera da religião e do Estado. Segundo o autor:

Todo poder é inspirado no desejo de ser único, de acordo com sua essência, sente-se absoluto e se opõe a qualquer barreira que o lembre das limitações de sua influência. O poder é a consciência da autoridade em ação; Ele não pode, como Deus, apoiar qualquer outra divindade ao seu lado. Esta é a razão pela qual uma luta pela hegemonia começa assim que vários grupos de poder aparecem juntos ou são forçados a girar em torno uns dos outros (Tradução nossa) (Morris, 1954, p. 45).

A partir dessa visão de polos, representados pela cultura e pelo Estado, não é possível uma conciliação. O Estado incorpora elementos da cultura de forma a efetivar seu domínio (Rocker, 1954). Um exemplo dado pelo autor é o reconhecimento pelo Estado Romano do cristianismo como religião oficial.

Assume-se como fundamental distinguir alguns aspectos para melhor compreensão. Rocker, quando menciona a crítica ao poder² e à autoridade, evidencia a forma de poder ligada à dominação, isto é, baseada na autoridade, na hierarquia e em formas centralizadoras.

Em sua análise, Rocker desenvolve a ideia da teologia política, isto é, comparando com a fé e a religião certas aspirações e ideias baseadas no idealismo que são desenvolvidas pelo Estado Moderno através de um aparato de dominação em que o Estado reproduziria a ideia de que ele é necessário para a vida em sociedade e de toda a cultura, da mesma forma que uma crença e uma religião seriam necessárias aos povos:

Mas nenhuma dominação poderia, a longo prazo, basear-se apenas na violência bruta. Este pode ser, no máximo, o instrumento imediato de subjugação dos homens, mas por si só, porém, nunca poderá eternizar o poder dos indivíduos ou de uma casta inteira sobre grandes grupos humanos. É por isso que é necessário mais, é necessária a crença do homem na inevitabilidade do poder, a crença na sua missão divina. [...] Todos os sistemas de domínio e dinastias da antiguidade derivaram sua origem de uma divindade, pois seus representantes compreenderam com o tempo que a crença dos súditos na origem divina do mestre é o fundamento mais consistente de todos os tipos de poder (Tradução nossa) (Rocker, 1954, p. 34).

Em *Nacionalismo e Cultura* (1954), Rocker desenvolve a ideia de que com o advento do Iluminismo surgiram as ideologias liberais e socialistas. O autor desenvolve críticas a boa parte dos estudiosos liberais por enfatizarem o papel do Estado na vida social e seu caráter artificial e autoritário. O grau máximo será evidenciado a partir da ascensão dos fascismos no século XX, em especial o fascismo italiano de Mussolini no século XX:

2. Rocker defende uma forma de poder popular e autogestionária, assim como a definição de anarquismo como uma estratégia revolucionária socialista surgida no século XIX que tem por objetivo acabar com todas as formas de dominação. Ver: Correa, 2015; Lopez, 2001.

Também a História mais recente nos mostra exemplos típicos desta espécie. Pense na aliança de Mussolini com a Igreja Católica. Robespierre nunca questionou a existência de Deus, nem Rousseau. Mas Mussolini era um ateu declarado e um inimigo fanático de todas as crenças eclesiais, e também o fascismo, seguindo as tradições anticlericais da burguesia italiana, apresentou-se inicialmente como um adversário declarado da Igreja. Mas, como hábil teólogo de Estado, Mussolini cedo reconheceu que o seu poder só teria consistência se conseguisse firmar-se no sentimento de dependência dos seus súbditos e conferir-lhe, externamente, um carácter religioso. Por isso transformou o nacionalismo mais extremo numa nova religião que, nasua exclusividade egoísta e na sua separação violenta de outros grupos humanos, não reconheceu nenhum ideal superior ao do Estado fascista e do seu profeta, o Duce Humano (Tradução nossa) (Rocker, 1954, p. 42).

A religião seria uma espécie de idealismo, isto é, representa uma visão de mundo baseada na dominação e na hierarquia pela construção de valores que se inserem no Estado, gerando esta forma autoritária de dominação que possui ainda um carácter centralizador e que Rocker critica na fundação do Estado.

Já o conceito de nacionalismo corresponde a criações artificiais dentro de uma composição orgânica de organização e funcionamento no tecido social baseado na hierarquia e na centralização de grupos específicos. Ou seja, uma tese de domínio a respeito de um país que busca se colocar como herdeiro ou aquele que ambiciona recuperar o *status* de glórias passadas. Morris defende que Rocker vê o conceito de nacionalismo desde a renascença:

A Renascença foi o período áureo para Rocker, pois não envolveu apenas a desintegração das comunidades locais e a ascensão do Estado Moderno, mas também a ascensão do individualismo e a emergência do nacionalismo como religião substituta. Uma figura importante aqui, para Rocker, é Maquiavel. Assim, por volta do século XVI, com o declínio dos poderes políticos da Igreja Católica e dos estados absolutistas, desenvolveu-se o que Rocker descreve como o estado nacionalista (19371, 6), sistemas estatais que se concentravam em torno de um território específico e do ideologia da “nação”. Esta concepção do Estado era a doutrina da democracia, que Rocker via como a completa antítese do liberalismo. Ele relaciona especificamente o ideal democrático a Rousseau, a quem descreve como o “teórico do Estado” por excelência, pois Rousseau introduziu a ideia jacobina de liberdade, com sua ênfase na vontade geral, na lei e na autoridade do Estado. . Assim, no final do século XVIII, argumenta Rocker, emergiu uma nova fé, a do nacionalismo – “a religião do Estado democrático” (Tradução nossa) (Morris, 2015, p. 158).

Rocker visualiza a existência tanto do nacionalismo político quanto do nacionalismo cultural e observa que ambos se caracterizam:

Todo nacionalismo é reacionário por essência, pois pretende impor as diversas partes da grande família um carácter determinado segundo uma crença pré-concebida. Também neste ponto se manifesta o parentesco íntimo da ideologia nacionalista com o conteúdo de toda religião revelada. O nacionalismo cria separações e cisões artificiais

dentro da unidade orgânica que encontra sua expressão no ser humano; ao mesmo tempo aspira a uma unidade fictícia, que só corresponde a um anseio. [...] Tais comparações entre um passado que já se converteu em lenda e um presente de escravidão tornam duplamente sensível para o povo a injustiça sofrida; pois nada pesa mais ao espírito do homem do que a tradição (Rocker, 1954, p. 169-170).

Diante do avanço do nacionalismo e dos fascismos no século XX, Rocker desenvolve sua teoria e visão política na estratégia do anarquismo, enfatizando principalmente a crítica ao Estado:

8

Os grandes teóricos do anarquismo moderno, Proudhon, Bakunin e Kropotkin, sempre enfatizaram a base social da teoria anarquista. Eles lutaram contra o Estado, não apenas como defensor do monopólio econômico e dos contrastes sociais, mas também como o maior obstáculo para qualquer organização natural que se desenvolva dentro do povo, de baixo para cima, e que tende a realizar tarefas coletivas e defender os interesses da multidão de agressões contra eles, tornando-o um ponto de partida para suas considerações. O Estado, o aparato político da violência da minoria privilegiada da sociedade, cuja missão é unir a grande massa ao jugo da exploração e proteção espiritual do empregador, ele é o inimigo mais amargo de todas as relações naturais dos homens e aquele que sempre tentará que essas relações sejam verificadas apenas com a intervenção de seus representantes oficiais. Ele se considera o dono da humanidade e não pode permitir que elementos estranhos interfiram em sua profissão. Essa é a razão porque a história do Estado é a história da escravidão humana. Somente pela existência do Estado é possível a exploração econômica dos povos e sua única tarefa, pode-se dizer em resumo, é defender essa exploração. Ele se torna o inimigo mortal de toda a solidariedade e liberdade naturais – os dois mais nobres resultados da convivência social e que evidentemente constituem uma e a mesma coisa – tentando, por todos os tipos de dispositivos legais, restringir ou pelo menos paralisar toda iniciativa direta de seus cidadãos e toda fusão natural de homens para a defesa de seus interesses comuns. (Rocker, capítulo 1, S/D).

5. Na passagem que segue, Chomsky argumenta que Rocker afirma que o anarquismo tem suas bases no Iluminismo:

Concordo com as ideias de Rudolf Rocker de que essas tendências (bastante centrais) do anarquismo fundamentam-se na melhor parte do Iluminismo e do pensamento clássico liberal, para além daquilo que foi definido. Como venho tentando demonstrar, essas tendências diferenciam-se amplamente da doutrina e da prática marxista-leninista, das doutrinas “libertárias”, que estão na moda particularmente nos EUA e na Inglaterra, e de outras ideologias contemporâneas, todas as quais parecem-me reduzir à defesa de uma ou outra forma de autoridade ilegítima, e que frequentemente são verdadeiras tiranias. (Chomsky, 2015, p. 53).

Ressalta-se a importância de uma definição adequada de anarquismo para basear nosso entendimento a respeito dessa ideologia:

O anarquismo é uma ideologia socialista e revolucionária que se fundamenta em princípios determinados, cujas bases se definem a partir de uma crítica da dominação e de uma defesa da autogestão; em termos estruturais, o anarquismo defende uma transformação social fundamentada em estratégias, que devem permitir a substituição de um sistema de dominação por um sistema de autogestão. (Correa, 2015, p. 117).

Para Rocker, o anarquismo trata-se de uma ideologia socialista que teria a viabilidade de autorrealização individual e coletiva da liberdade humana, uma vez que a “anarquia não significa caos, mas a mais profunda união intelectual e orgânica de todos os elementos da sociedade para um fim comum” (Rocker, 1954).

Trata-se também de uma ideologia que se insere no âmbito da estratégia, pois possui um objetivo com determinados fins, em que “não lutamos pela liberdade de todos, mas por uma liberdade que possa encontrar plena expressão e realização através da união voluntária de todos” (Rocker, 1954).

6. Nesse sentido, Rocker analisa que algumas linhas do socialismo, principalmente o socialismo de estado, acabaram por reproduzir mecanismos de dominação, por terem em suas estratégias a manutenção do Estado. O que acabou por ser um absolutismo mesmo nas ideias socialistas, sendo um exemplo a noção de ditadura do proletariado.

Para o autor, as estratégias socialistas tinham como principal ponto a manutenção do Estado. Na Internacional, o grande debate era entre os federalistas, representados por Bakunin, e os centralistas, liderados por Marx. Rocker visualiza que na época o movimento dos trabalhadores tinha muita força, mas devido a inserção das ideias de Marx, acabou se convertendo em uma disputa para dentro do parlamento e das eleições:

O parlamentarismo, que logo desempenhou um papel dominante nesse novo movimento, atraiu diversos elementos burgueses e intelectuais ambiciosos para os partidos socialistas, acelerando ainda mais a mudança de orientação. Assim, em vez do socialismo da antiga Internacional, surgiu uma espécie de substituto que compartilhava apenas o nome. Dessa forma, o socialismo foi perdendo gradualmente seu caráter de novo ideal cultural, para o qual as fronteiras artificiais dos Estados não tinham valor. Na mente dos líderes dessa nova tendência, os interesses do Estado-nação se confundiram com as necessidades espirituais de seu partido, até que, pouco a pouco, eles não conseguiam mais perceber uma linha divisória entre eles e se acostumaram a ver o mundo e as coisas através das lentes do Estado-nação. Por isso, era inevitável que os partidos operários modernos se integrassem gradualmente como um elemento necessário ao aparato do Estado nacional, contribuindo grandemente para restaurar o equilíbrio interno que o Estado já havia perdido (Tradução nossa (Rocker, 1954, p. 280).

7. Por fim, percebe-se que o pensamento de Rucker pode ser caracterizado em sete eixos principais:

a) Cultura como base preponderante do pensamento e da realidade em sentido humano e material, que fundamenta o ser humano e seu tecido social, sendo marcada pela liberdade e pela diversidade;

b) Rucker radicaliza a crítica de Nietzsche partindo de uma mesma premissa, a cultura, que se baseia na liberdade e enfatizando as noções de povo e seus agrupamentos como determinantes para a realização da cultura em seu nível mais alto. A autodeterminação do gênio e de um povo caminham juntas, sendo baseada na coletividade;

c) O Iluminismo possibilitou o surgimento tanto do liberalismo quanto do socialismo no século XVIII e por consequência do anarquismo;

d) Quanto maior a interferência do Estado, menos a cultura será livre. E o contrário quanto menor a interferência do Estado, mais a cultura será livre. Não é à toa o desenvolvimento da Grécia na cultura antiga devido a descentralização e a organização através das cidades-estado, assim como a centralização do Estado em Roma; e na modernidade a centralização política de alguns Estados como a Alemanha e os EUA;

e) O Estado Moderno se consolidou a partir de uma visão de poder baseada na autoridade, ampliando o alcance do Estado na modernidade. A noção de nacionalismo pode ser caracterizada como uma unidade baseada na dominação em oposição a ideia de povo, que se expressa por associações e no apoio mútuo;

f) Por fim, há também uma crítica aos socialismos que buscam se basear na utilização do Estado, reproduzindo mecanismos de dominação e indo na direção contrária de uma cultura livre;

g) O anarquismo trata-se de uma ideologia socialista que se originou no Iluminismo e que tem como objetivo a conquista e realização da liberdade individual e coletiva humana, centrando-se numa crítica e rompimento com essas formas históricas de dominação, o Estado e o capitalismo.

***Lucas Gabriel Saconato Maldonado** é Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp). Graduado em Cinema pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP) e professor da rede pública do Estado de São Paulo.

Contato: saconatol@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6242686707905853>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-7944-9756>

Recebido em: **16/05/2025**

Aprovado em: **20/01/2026**

Editor de texto: Johan Fonseca Lose

Editor-Chefe Discente: Sandro Adams

O autor
agradece as
considerações
do Editor
Sandro Adams.

Como citar este texto: MALDONADO, Lucas Gabriel Saconato. O pensamento anarquista de Rudolf Rocker: a cultura do Iluminismo e a noção de poder. **Perspectivas Sociais**, vol. 12, n. 01, e1229212, 2026.

Referências bibliográficas

Buekunckx, E. **Proudhon's influence in Belgium: nationalism and culture**. Bruxelas: The Anarchist Library, 2009.

Carlson, A. R. **Anarchism in Germany**. Metuchen: Scarecrow Press, 1972.

Chomsky, N. **Notas sobre o Anarquismo**. São Paulo: Editora Hedra, 2015.

Corrêa, Felipe. **Bandeira Negra: Rediscutindo o anarquismo**. Curitiba: Prismas, 2015.

Graur, M. **An anarchist "rabbi": the life and teachings of Rudolf Rocker**. Nova York: The Magnes Press and The Hebrew University, 1953.

12

López, Fabio López. **Poder e Domínio: uma visão anarquista**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2001.

Maldonado, Lucas Gabriel Saconato. **A Figura do Espírito Livre em Humano, Demasiado Humano I**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Filosofia, Linha de pesquisa: História da Filosofia, Ética e Filosofia Política. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2022.

Morris, B. **Anthropology, ecology, and anarchism: a Brian Morris reader**. London: PM Press, 2015.

Nietzsche, F. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2000.

Rocker, R. **A Ideologia do Anarquismo** São Paulo: Faísca, 2005.

Rocker, R. _____. **Anarquismo e organização**. 1920. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/rocker/1920/mes/90.htm>

Rocker, R. **As Ideias Absolutistas no Socialismo**. São Paulo: Edições Sagitário, 1946.

Rocker, R. **A tragédia da Espanha: Notas sobre a guerra civil (1936 – 1939)**. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2010.

Rocker, R. **El Pensamiento Liberal en los Estados Unidos**. Buenos Aires: Americalee, S/D.

Rocker, R. **En la Borrasca**. Buenos Aires: Editorial Tupac, 1949.

Rocker, R. **Nationalismus und Kultur**. Amsterdam: Anarchistische bibliothek, 2015.

Rocker, R. **Nacionalismo y Cultura**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1954.

Rocker, R. **La Juventud de un Rebelde**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1947.

Rocker, R. **La Segunda Guerra Mundial: Interpretaciones y Ensayos de um Hombre Libre**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1943.

Rocker, R. **Max Nettlau, El Herodoto de la Anarquia**. México: Ediciones Estela, 1950.

Rocker, R. **Os Sovietes traídos pelos Bolcheviques**. São Paulo: Hedra, 2007.

Rocker, R. **Pioneers of American Freedom: origin of liberal and radical thought in America**. Rocker Publications Committee, 1949.

Rocker, R. **Revolucion y Regresion (1918-1951)**. Buenos Aires: Editorial Americalee, 1952.

Rocker, R. **The London Years**. Oakland: Five Leaves Publications, 2005.